Aveiro, 3 de Maio de 1985— Ano XXXI — N.º 1370

Litoral

Director, editor e proprietário: David Cristo — Directores adjuntos: Amaro Neves e Armando França — Redacção e Administração: Rua Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) — Composto e Impresso na «TIPAVE» — Tipografia de Aveiro, L.da — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telef. 27157)

A RIA DE AVEIRO *em* "CARTAZ"

HENRIQUE VAZ DUARTE

ORGANIZOU a Cooperativa «Sem Margem», de Ovar, um concurso público de cartazes, alusivos à crescente deterioração da Ria de Aveiro. Sujeitos a premiação, os trabalhos concorrentes, conforme constava do regulamento, deveriam «alertar e mobilizar a opinião pública e os orgãos do poder, para a urgência de travar a acelerada degradação da Ria de Aveiro» (sic).

Dada a manifesta actualidade do tema em questão e a urgência de se denunciar aquilo que muitos já chamam de catástrofe, aliado ao facto de o quantitativo pecuniário fixado para os prémios ter sido claramente convidativo (1.º prémio — 100.000$00, 2.º — 50.000$00 e 3.º — 25.000$) foram várias as dezenas de participantes que apresentaram os seus trabalhos e que a Cooperativa colocou em exposição na sua sede em Ovar.

Todavia, perante a surpresa de alguns, o júri de premiação atribuiu um primeiro prémio a um trabalho que, não fosse a técnica laboriosa do uso do aerógrafo, em nada repugnaria colocá-lo entre os lugares-comuns dos vários mediocres existentes no certame. Não obstante a deliberação ter reunido o consenso geral, depreende-se, por esta escolha, que o júri teve dificuldades na opção de um critério unânime para a premiação qualificação/valoração de um cartaz — originalidade, impacto, mensagem e qualidade gráfica—, optou-se única e exclusivamente por este último, em detrimento dos restantes. Na verdade, o cartaz premiado, — retratando um moliceiro semi-estilizado com um horizonte pormenorizado e encimado pelas palavras PROTE-

Continua na página 5

O DISTRITO DE AVEIRO A CAMINHO DO FUTURO

Em 19 do mês transacto, o Eng.º Manuel Bóia, nosso distinto colaborador, proferiu, no Lions Clube, uma notável palestra, a qual, pela sua oportunidade e valia, entendemos dever divulgar neste semanário. Dada a sua extensão, será ela publicada em números sucessivos.

MANUEL BÓIA

QUANDO soube da intenção de me convidarem para proferir esta palestra, limitei-me a dizer que, para corresponder ao vosso amável propósito e poder merecer a atenção desta grande e generosa família dos «Lions» de Aveiro, desejaria a concessão de algumas horas de estudo, necessariamente nocturnas, esperançado em poder traduzir, por palavras simples, toda a complexa problemática do futuro do nosso Distrito.

Sinto, efectivamente, responsabilidade, se exerço a missão jornalística ou de palestrante — função que só ocorre sobre qualquer tema em defesa do torrão distrital — por ser, talvez, quem há mais anos, adentro da moderna geração, nunca deixou reduzir ao esquecimento e à estagnação os altíssimos méritos da nossa unidade.

De acordo com esse princípio básico, todas as vezes que uma política avançada de regionalização provoca inquietações e sobressaltos, aí tenho estado, num fervoroso combate, a dar atenção aos problemas, procurando travar a ameaça do cancro com várias raízes e seguindo um caminho, ao princípio pouco compreendido, mas que entendi prosseguir sempre com firmeza.

Hoje, louvado Deus, tem-se a consolação de ouvir, em muitas ocasiões e numerosos lugares, frases inequívocas de amor ao Distrito, procedimento que o actual Governador Civil, Dr. Gilberto Madail, é o primeiro a incrementar, merecendo não só o nosso apoio, conciliando a fidelidade devida ao Governo com os valores fundamentais da liberdade, lentamente cerceados aos Aveirenses.

Contudo, os problemas subsistem. Denunciá-los só à opinião pública é trabalho muito às cegas, se não houver uma doutrina bem definida, a exigir uma reforma profunda quanto à vida administrativa deste Distrito. Convém deixarmos de dizer — e os noticiaristas dos jornais e das emissoras de divulgarem — que a economia, a cultura, a criatividade do povo de Aveiro estão bem enraizadas, são de valor e peculiares, antes deve acrescentar-se, explicitamente, ter chegado a hora de nos

Continua na página 8

AMARO NEVES

MONUMENTOS DA REGIÃO

— a nossa sobrevivência cultural

FINALMENTE, depois de tantos anos de luta, veio o reconhecimento da Assembleia da República! Uma lei aprovada por unanimidade, determina, concretamente, medidas de protecção aos «monumentos» nacionais. Não se trata, propriamente, de legislação inovadora em absoluto, mas pelo menos fica proibida a exportação, a acção destruidora sobre os mesmos e a alteração de local sem prévio estudo, para além de se tomarem medidas incentivadoras à sua defesa e valorização, e bem assim outras que visam desencorajar aqueles que por esses «monumentos» não tiverem a devida consideração, a causar-lhes quaisquer malefícios.

Será, em qualquer dos casos, uma lei que muito pode contribuir para uma inversão de comportamento na maioria da população. Só que, para uma lei poder ser eficaz, é preciso fazê-la cumprir. E esta, sem pensarmos que é mais ou menos importante que muitas outras, diz directamente respeito à nossa sobrevivência cultural. Tardava, mas aí está.

Com efeito, apesar de estarmos em contacto com todo o mundo, através de sofisticados meios de informação, há bastantes anos que se defendiam estes princípios — e há países onde as leis deste sector são bastante rigorosas e amplas — de que a UNESCO tem sido, sem qualquer dúvida, a organização campeã, sempre atenta e apelante, mas nem sempre eficaz por impossibilidade de intervenção política e económica.

Temos consciência de que vivemos uma época em que

Cont. da 2.ª página

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

XCIX Voltemos, porém, «à vaca fria». (Refiro-me à minha Achega XCVII).

Após a morte dos pais, os dois irmãos mais velhos — o Ricardo e o Domingos — resolveram ir dirigir a fábrica, atitude com a qual João Campos não concordou, por entender que os irmãos já tinham a sua vida organizada à custa do pai, e também, porque o que estava feito na fábrica, o havia sido pelo muito trabalho e o muito sacrifício dele e do Henrique.

Este, porém, deixou-se dominar pelos irmãos mais velhos — que nada conheciam nos assuntos fabris — e aliou-se com eles contra o João que, estando em minoria e não aceitando a situação criada — depois de muitos desaguizados havidos entre eles, tanto mais que não *puxavam* certo quer em política, quer em religião — resolveu separar-se, pensando, desde logo, em montar uma fábrica só sua, pois tinha a bagagem necessária e a força de vontade suficiente para o poder fazer.

Lançou as suas vistas para uns terrenos da Quinta do Carril pertencente à família Magalhães Lima, junto ao Canal de S. Roque, e iniciou umas sondagens para verificar se esses terrenos tinham barro em quantidade e de boa qualidade, como ele presumia.

Certificado dessa existência e verificando a excelente posição estratégica em que a fábrica ficaria, pois teria acessos por estrada e pela ria e, ainda, num futuro próximo, pelo caminho de ferro (visto que a C.P. havia já projectado a construção de um ramal, da Estação ao Canal, a fim de transportar o sal que, das marinhas, era aqui descarregado), resolveu comprar uma parcela desses terrenos.

Não vou contar as peripécias que se deram com esta aquisição pois não interessa para o caso; o certo, porém, é que teve problemas — e

Continua na página 6

T. U. INDIGESTA

VASCO BRANCO

VI, vivi e senti (quem não o teria feito!) aquelas ossadas onde o sopro de vida teima em se grudar como se receoso de um desamparo total e definitivo, como se a espera significasse que o apelo merece uma resposta de esperança. Quantos os enganados, já? Quantos montes de pedra não cobrem a terra árida dessa Abissínia onde a crusta esquartejada pela inclemência do sol se recusa a vivificar. Conserva as suas sementes em latência implacável e feroz como castigo que o capricho do tempo apontou nos nossos dias. Crianças que não sabem ainda o que é interrogar-se porque em constante vigília à conservação de uma vida vegetativa. O cérebro fechado pelo muro intransponível das carências essenciais. E são gente. Subgente a que os condenámos. Todos nós. «Cadáveres adiados» já sem força para procriar. Sombras que mal se movem em seu mundo de pesadelo. Nunca souberam o que é um gelado de chocolate, uma filhós natalícia, o festejado ovo da Páscoa. Guerra e fome. Onde os responsáveis por tal sementeira? Onde os abutres esperando a hora da podridão?

Por favor: não me venham com mais palavras. Palavras, mesmo feitas promessa, não são coisa que encha barriga. Exausto. Coberto de vergo-

Continua na página 6

TOPONÍMIAS-5 de Outubro

MANUEL COSTA E MELO

EM 26 de Abril último completaram-se 31 anos sobre a data em que a Câmara Municipal de Aveiro — ao tempo nomeada e não eleita; lembram-se? — deliberou sacrificar por sabujice política monárquica, tão do agrado de Salazar, uma data da História de Portugal.

É um retalho do bragal de memórias que guardo na arca e hoje puxo para lhe matar o mofo e o... esquecimento que tantos desejam e muitos aproveitam como alimento dilecto de ignorância cívica:

Sempre julguei de mau gosto e pouco significado social ou político dar o nome de pessoas, por importantes que fossem como geradoras de momentos altos da história dos povos, a ruas, praças, vielas ou Avenidas.

Acho — sempre achei — mais significativa a designação que se inspira nas profissões predominantes, tradicionalmentes, na rua ou no beco; nas características do sítio onde a rua se implanta; na ideia ou símbolo de vivência humana que se impôs.

Eu sei que este meu remar de opinião é contra o normal das marés, por isso difícil e até quase incompreendido.

O nome de pessoas ou anda ligado a ideias com adversários, hoje vencedoras, amanhã vencidas, e sujeita-os, mesmo já mortas, ao desagradável

Cont. da 2.ª página

HUMBERTO LEITÃO

Assim foi em Aveiro o 1.º de Maio de 1902

● Às 4 horas da manhã:

Alvorada. Bandas de música tocando o *Hino 1.º de Maio*, percorreram as principais ruas da cidade, queimando-se algumas dezenas de foguetes.

● Às 3 horas da tarde:

Grandioso *Cortejo Operário*. Formará na rua da Estação, e terá o seguinte itinerário: ruas de Sá, do Gravito, de Manuel Firmino, de José Estêvão, de Mendes Leite, da Apresentação, do Sol, do Peixe, da Rainha, do Cais, da Alfândega, de José Luciano, da Arrochela, de Santo António, da Sé, do Paseio, rua Direita, Costeira, e Largo Municipal.

A ordem dos Grupos é a seguinte:

À frente, a *Associação dos Operários Agrícolas e Operários das mesmas Artes não associados*, com carro alegórico e filarmónica.

Padaria Flor de Aveiro, com carro.

Classe dos Operários de Manipulação dos Adobes, de Esgueira, com carro.

Continua na página 6

Toponímias - 5 de Outubro

Continuação da primeira página

apear da placa votiva e ao erguer da nova, mais de harmonia com os ventos da ocasião; ou presta-se ao ridículo da bajulice dos medíocres.

Vejo com satisfação uma Rua dos Sapateiros, dos Fanqueiros, dos Caldeireiros, da Louça, do Mar, do Norte, dos Marnotos, dos Frades; uma Avenida da Liberdade, uma Avenida 24 de Julho; uma Praça da Bela Vista (se não for uma cova); um Beco do Fala-Só; uma Costa do Castelo; um Largo da Sé ou até (porque não?) do Pelourinho.

Mas já não gosto — e estou no meu direito — de uma Rua António José de Almeida, Oliveira Salazar, Paulo VI, João XXI ou Homem Cristo (Pai ou filho é indiferente). E mesmo até de um Ferreira de Castro, Jaime Cortesão, Manuel Mendes ou Mário Sacramento, estes últimos e a cujo baptismo acrescentei a minha «água benta», salvo seja!

Mas quase gosto de algumas das primeiras por me terem dado a alegria de lhes mudar as tabuletas, como aquela que se chamou Salazar — nome de pessoa, sem ser Abel — e passou a ser 25 de Abril, nome de povo livre!

Isto tudo será birra de velho. Mas sempre pensei assim. E creio que o povo também. É difícil mudar o nome às coisas sobretudo quando já enquistado pela cola de muitos invernos, verões, outonos e primaveras. Mesmo quando o povo lá se sente representado, até mesmo pintado numa mancha de sangue, próprio ou irmão, a mudança é sempre difícil.

Estou a pensar na tripeira Rua de Santo António — e aqui o nome não é tanto do taumaturgo mas principalmente do milagreiro das bilhas — em dado momento mudada para Rua 31 de Janeiro, com a apropriada justificação de ter sido página de história virada.

Pois nem assim o povo aceitou, apesar da persistência da coleira e nela não haver vaidade onomástica a assinalar.

•

E foi precisamente por isso que apesar de crente do 5 de Outubro que nos deu a República e do Clube dos Galitos que nos deu momentos de glória e de cultura sã, eu reagi, isoladamente, quando chegou ao meu conhecimento que ia ser apresentada, na Câmara Municipal de Aveiro, uma proposta que na toponímia local imolaria uma data, a de 5 de Outubro, em benefício do nome duma colectividade, sem dúvida ilustre e querida.

E telegrafei ao Dr. ALVARO SAMPAIO, então Edil-Mor da Câmara de Aveiro, este simples texto:

«Felicito essa Excelentíssima Câmara acto de justiça homenagem Clube dos Galitos mas lamento que, para o fazer, fosse necessário sacrificar data da História de Portugal».

Não procurei assinaturas de outros que por certo as dariam. Fi-lo isoladamente porque não desejava, no acto, solidariedades forçadas.

Depois, sim, fez-se um abaixo-assinado bem acolhido em Aveiro e a que necessariamente foram sensíveis os restos republicanos do Ilustre Edil de então.

O meu telegrama fora intencionalmente enviado a tempo de ser recebido na Câmara, nesse já recuado dia 26 de Abril de 1954. Não passou nem pretendia passar de desabafo. A sessão camarária realizou-se e da respectiva acta consta:

«Pelo Senhor Presidente foi apresentada à Câmara a seguinte proposta: Considerando que, no corrente ano, o Clube dos Galitos celebra as suas bodas de oiro; considerando que esta agremiação deve à cidade muitas manifestações de carácter artístico, desportivo e regionalista; considerando que o Clube dos Galitos tem uma projecção nacional que muito honra a nossa terra, proponho: 1.º — Que a Rua Cinco de Outubro passe a denominar-se «Rua do Clube dos Galitos»; 2.º — Que a este Clube se manifeste os sentimentos de apreço da Câmara, pela obra realizada durante meio século da sua existência. Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Senti como na própria carne aquela decisão tão recheada de bajulice às gentes monárquicas de Salazar.

Lá que o Clube dos Galitos merecia a homenagem, não se contestou, antes pelo contrário. Agora que por proposta de um republicano respeitável, que o era, e, por mera subordinação ou subserviência, se cometesse acto semelhante quando em Aveiro não faltavam ruas, até sem nome, ou com nome menos ligado à História de Portugal, isso é que motivou a minha natural reacção logo seguida pelas muitas pessoas que protestaram em abaixo-assinado enviado à Câmara Municipal que, seguindo a tradição do tempo, nenhuma importância ligou à vontade e repúdio manifestados pelos munícipes.

•

E agora um facto curioso ligado a este.

Salvo erro o primeiro signatário do abaixo-assinado enviado era o Dr. ALBERTO SOUTO que fora Deputado às Constituintes de 1911 e mantinha, ao tempo da assinatura, laivos de liberal e democrata e representava, para as gentes de Aveiro, um valor, inteiramente merecido pelos seus estudos e acções culturais, embora debilitado, posteriormente, por cedências de natureza política que o levaram à Presidência da Câmara Municipal em 11 de Maio de 1957, onde se conservou até 10 de Junho de 1961.

O povo compreende os que evoluem. Tanto como não percebe os que pura e simplesmente mudam para coisa nenhuma, como foi o caso de Alberto Souto de quem até guardo, no plano intelectual e no de camaradagem profissional e pessoal, a melhor recordação. Mas não lhe esqueci a mudança sem sentido até porque o seu nome fazia parte da mão cheia de memórias da minha meninice.

Era um orador de raça e um agradável conversador, sobretudo quando, desviada a política, por incómoda, falava de Aveiro, suas pedras e gentes e daquela JOANA que teimava ver — e não serei eu a contrariá-lo, à míngua de conhecimentos adequados — no políptico de Nuno Gonçalves, peça impar da pintura portuguesa de antanho.

Pois dessa mão cheia de memória iria nascer, uns tempos mais tarde, já Alberto Souto era presidente da Câmara Municipal de Aveiro, uma irreverente proposta minha num jantar de confraternização republicana, no Cine-Teatro Avenida, em que eu, quase em jeitos de mal dizer, contei as suas tradições de Constituinte da República, invoquei a responsabilidade do signatário do tal abaixo-assinado e disse que era chegada a hora de não desmentir aquelas e assumir esta, dando ou mandando dar — era, assim, a moda do tempo — o nome da data histórica do 5 de Outubro a uma qualquer rua importante da cidade, sem para tanto sacrificar qualquer outra.

E foi ALBERTO SOUTO sensível — não podia deixar de o ser — à chamada de atenção. Não recordo se foi ou não ainda sob a sua presidência que tal restituição se efectuou. Sei, isso sim, que passaram vários anos, demasiados anos, antes que a verdade toponímica fosse reposta. Mas, quando o foi, não sei se por deferência «pejorativa» ou não, foi-o numa rua que, embora melhorada, ia desembocar, em cheio, na casa alta das extintas mulheres públicas da cidade, quase ao lado das purezas da Sé.

As contradições nunca andam sózinhas no caminho das gentes!

Manuel da Costa e Melo

Monumentos da Região

Continuação da primeira página

as exigências económicas de expansão da espécie humana ameaçam permanentemente obliterar os vestígios das épocas e civilizações passadas, tanto entre nós como no estrangeiro. Mas também sabemos que a noção de «património cultural», apesar de relativamente recente, entende-se hoje como bem comum e indissociável da evolução humana. Foi sobretudo a acção devastadora das últimas guerras que obrigou a uma séria reflexão sobre os marcos que sobreviveram do passado.

Hoje, ser «monumento» não é uma mera classificação nacionalista, mas antes um reconhecimento colectivo que cada vez mais se dilata, para uso e conhecimento do Homem. São bens que fazem parte da vida espiritual ou cultural da Humanidade, ainda que existindo neste ou naquele país.

Neste aspecto, trata-se de uma lei que nos coloca a par de muitos outros países, nem sempre mais ricos, mas, por certo, mais conscientes da sua riqueza cultural.

Ao todo, ficam protegidos pela lei 2521 monumentos que, para além do mais, não podem sofrer quaisquer obras de restauro sem para isso se obter, previamente, a necessária autorização do Ministério da Cultura. Acresce, ainda, que, em relação aos imóveis classificados, a lei é bastante cautelosa, prevendo que nos edifícios de acompanhamento ou nas «zonas de protecção» haja restrições de obras, para garantir a qualidade e história desses valores construídos.

Face a estes princípios, talvez se modere a retórica dos nossos políticos que, na generalidade, falam de património cultural quantas vezes sem saberem do que falam e muitas outras para fazerem promessas que não sabem ou não podem cumprir. Ou então — e essa será uma nova perspectiva —, obrigar-se-ão a uma total identidade com as regiões que lhes deram os votos, com a responsabilidade moral de cumprir a lei. Claro que vai ser tarefa difícil e, desde já, duas alternativas se põem: ou esperar nova geração de políticos ou começar imediatamente a reciclagem dos existentes. E qualquer dos casos é tarefa pedagógica que leva tempo. Entretanto, será bom lembrar que já em 1976, a Unesco, na sua conferência de Nairobi, entendia como «conjunto histórico» todo o grupo de construções e de espaços, incluindo lugares arqueológicos e paleontológicos, que constituam marco significativo da presença humana, tanto na área urbana como no meio rural e cuja coesão e valor sejam reconhecidos.

Entre estes conjuntos, merecem especial atenção os bairros urbanos tal como os centros históricos ou aldeias características de certas regiões.

Ora, Aveiro, neste aspecto, mantém ainda alguns conjuntos que podem e devem ser acautelados e que têm merecido da nossa parte uma atenção especial, desde há anos: o bairro da beira-mar, o centro histórico da cidade, o núcleo histórico de Esgueira e, antes que seja tarde, a definição de áreas em Eixo.

Se se atentar bem no que rapidamente aconteceu nas áreas envolventes da cidade, verifica-se que as fábricas ou cerâmicas vão desaparecer, tanto a norte como a sul e pouco restará (se restar!) da nossa tardia revolução industrial, ainda que centros culturais mais desenvolvidos do país reconheçam a valia de alguns desses conjuntos. Restará a moagem?

Evidentemente, o que se diz para Aveiro pode servir para Ílhavo, onde parece ainda por decidir a sorte do Palacete do Alqueidão, belíssimo e raro exemplar seiscentista do litoral aveirense, enquanto se dividem as opiniões sobre o espaço envolvente da sua igreja matriz. Isto acontece em terras cuja riqueza cultural maior não reside no património construído, devendo, portanto, ser mais uma razão para defender, com entusiasmo, o melhor que têm. Depois, fica ainda a Costa Nova, onde, felizmente se aperceberam já do grande valor dos «palheiros», como principal motivo turístico.

No fundo, estes são apenas alguns daqueles «monumentos» ou conjuntos urbanos que mereciam ser pontos assentes na defesa e valorização do que de maior riqueza há entre nós e que, sem dúvida, são o maior aperitivo para os nossos visitantes, sobretudo quando turismo de qualidade.

Mas há muitos outros «monumentos» que não podem ser olhados como obra de segunda ou terceira categoria, tanto mais que, na vida cultural, as manifestações têm ou não vida, são ou não próprias de um povo ou de uma região e, se o são, assumem-se como dinâmica espiritual ,artística, económica, histórica, social, etc., sem graus ou degraus. Lá estão a etnografia, a arqueologia, a vida agrícola, a literatura, a música...

Por isso, um barco moliceiro pode ser um valioso «monumento», o mesmo acontecendo com uma boa obra de ceramista aveirense, um quadro, um painel de azulejaria, etc. Ao fim e ao cabo, quem tem o direito de dizer que há em Portugal 2521 «monumentos»? Felizmente para nós, há no país muitos milhares de obras dignas desta classificação, apesar das guerras, roubos, incêndios, incúrias e cataclismos.

O que mais importa, isso sim, é estar atento ao espírito da lei que foi feita. Há muito que defender e que é vital para a nossa sobrevivência cultural.

Os antigos egípcios embalsamavam os seus mortos, não para os terem como mortos, mas para que vivessem eternamente.

Nós só pretendemos que esses monumentos, quer sejam edifícios, conjuntos ou simples peças, ainda que pareçam muito velhos e deteriorados, sejam «embalsamados» para a eternidade da memória humana, como marcos de crescimento. Mas que sejam para manter vivos, preservados ao serviço e como valor da sociedade que os herdou ou que os produziu.

Nesse aspecto, a região de Aveiro tem muito poucos «monumentos» sob a protecção da lei ora aprovada. Mas pode e deve ter mais, porque os tem na realidade, de forma que documentem o labor e a riqueza desta parcela ribeirinha.

Classifiquem-se, pois, e defendam-se com a nova lei, por todas as formas que ela consigna, já que está em causa a nossa sobrevivência cultural.

AMARO NEVES

TRIBUNAL JUDICIAL DE AVEIRO

3.º Juizo

ANÚNCIO

2.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução Sumária n.º 157/B/83, 2.ª secção.

Exequentes — Padarias da Beira Mar, Lda..

Executado — Carlos Alberto Mendes Leal e esposa Rosa Maria dos Santos Alves Leal, da Quinta Nova, 38, Quinta do Picado, Aveiro.

Aveiro, 18/4/85

O Juiz de Direito,

(Francisco Silva Pereira)

O Escrivão de Direito,

(António Pinheiro de Melo)

Litoral, n.º 1370 de 3-5-85

O Distrito de Aveiro a caminho do futuro

Continuação da 1.ª página

subtrairmos, a curto prazo, das duas direcções regionais que nos esfacelam injustamente.

A questão em foco, neste momento, minhas Senhoras e meus Senhores, resume-se a isto: quais os esforços a concentrar, para proporcionar, em breve, aos Aveirenses, um pouco de sossego, não conhecido há já alguns anos?

Estudei três esquemas de ordenamento administrativo, qualquer um de modo a fazer valer sempre a nossa unidade, mas, para não nos virem a acusar de um certo egoísmo, dois deles são comparticipantes de projectos mais largos, rasgando antigos limites e espraiando-se em áreas maiores. Valha a verdade, estes enriquecem mais as outras povoações, com o nosso programa e modo de vida, do que o inverso...

Lembro ser difícil, em certos planeamentos, fazer valer outras considerações para além das puramente técnicas e, assim, a vontade humana dos Aveirenses — entre as quais a minha se situa — pode não encontrar o acordo entusiasta nos membros do Governo, tendo nós de estar prevenidos com mais do que uma proposta, mantendo-se, todavia, a nossa participação unitária e interessada.

Assim o compreendo desde a primeira hora e, no final desta exposição, espero registar, com o maior prazer as críticas de todos vós, por cada uma das perspectivas enunciadas. O meu único anseio, ao fazer esta palestra, é obter o contributo indispensável aos meus conterrâneos na procura da melhor resolução para o nosso futuro. Temos, pois, de acelerar este processo e era desejável principiá-lo mesmo hoje.

Hipótese A

Por pouco que se conheça da vida económica nacional, haverá alguém a quem haja escapado a grande verdade no Distrito de Aveiro tudo se inventa, tudo se cria, tudo se transforma? Aqui o nível de vida é melhor, porque dispomos, antes de tudo, de muita esperança. Além do mais, temos um ritmo intenso, atrevido, capaz de rápidos reflexos, só conseguindo e sabendo viver em constante subida.

Há também outras causas desta dinâmica espectacular — o litoral foi sempre, por natureza, mais privilegiado que o interior — mas os homens do Distrito de Aveiro sempre foram capazes de aproveitar, por si sós, tirando partido de todas as circunstâncias, da maior facilidade das comunicações, do entusiasmo, que eu chamaria febre, de construir riqueza através do trabalho.

Compreende-se, assim, que exista um verdadeiro e tradicional espírito de independência, onde as intromissões dos de fora são bem dispensáveis, quando não mesmo abusivas.

Reunimos, de facto, todas as condições para nos disciplinarmos, para auto-criar infraestruturas, facilitando a instalação de mais fábricas, mais escolas, mais hospitais, de mais casas, de mais agremiações. E podiam multiplicar-se os exemplos de um património respeitável em qualquer parte e respeitado por todos os portugueses.

Os nascidos nesta terra, ou partilhando de uma alma comum, têm uma civilização própria, têm o direito de lutar pela sua coesão, pela sua integridade, pela sua liberdade!

Em matéria administrativa, significa este raciocínio, que uma solução oposta à actualmente em vigor será, com lógica, a de o Distrito de Aveiro se converter, por si só, numa futura Região Administrativa. Temos capacidade económica e intelectual para tomar posições decisivas, sabermos escolher rumos bem definidos e atingirmos sempre objectivos do mais profundo e largo interesse para o País.

Considero, porém, que acelerar, para já, a criação das verdadeiras Regiões Administrativas seria um passo de muito amadorismo. A Administração Pública talvez não respondesse de imediato, com uma oferta satisfatória, pois as pessoas qualificadas pouca experiência teriam dos serviços do Estado, a nível de uma Região e o caos poderia instalar-se quando menos se desejava.

Acho assim preferível que a designada hipótese A se cinja a uma solução mais simples — a criação, numa fase inicial, da Comissão de Coordenação do Distrito de Aveiro, abrangendo todo o território, cooperando com as autarquias locais ou promovendo estudos de interesse para mais de um concelho, a fim de agir sempre a favor do nosso distrito.

Não se trata de uma incongruência que impeça o Governo de a apoiar e adoptar. O Decreto-Lei 494/79, fundador das Comissões de Coordenação, dividiu os Aveirenses, horrorosa e dolorosamente, por dois domínios.

No entanto, também criou uma Comissão exclusivamente para o Distrito de Faro, por sinal activa e válida!

O Governo pode solucionar o nosso problema, actualizando e corrigindo a divisão inicial, sem o assunto passar sequer pela Assembleia da República. Fará um esforço administrativo, é certo, mas compensar-nos-ia dos braves prejuízos que temos tido e livrar-se-ia das nossas justas críticas, da nossa agitação, da nossa ofensiva, dos nossos protestos sistemáticos.

O mais importante, ainda, é deixar-nos livres dos nossos adversários, deixar-nos abertos os caminhos do futuro, deixar-nos desenvolver!

(continua)

MANUEL BÓIA

Cândido Teles

— painel decorativo na Câmara de Ílhavo

Mais uma vez o pintor C. Teles foi convidado a executar um trabalho para decoração de um lugar público, neste caso, a Sala de Sessões da Câmara Municipal de Ílhavo, a solicitação do Presidente da Edilidade. O artista produziu uma «maquete» da obra que, posteriormente, após apreciação, veio a merecer aprovação unânime da mesma Câmara.

O trabalho definitivo é um tríptico nas dimensões 0,75x1,90 m, em que é desenvolvido o tema «Ílhavo Antigo», focando três aspectos que o artista considerou por bem evocar, dado o seu interesse estético e documental: a Praça da República, a Capela das Almas e a Fonte de Alqueidão — Casa da Senhora das Neves.

Por razões de fidelidade ao tema, houve a preocupação de conseguir um tratamento pormenorizado, sem deixar, porém, de lhe dar a espontaneidade e expressividade interpretativas, obtidas por efeitos matéricos que são característicos da preesnte fase da produção do artista.

A obra insere-se num propósito que de há muito, Cândido Teles impôs a si mesmo dedicar uma parte do seu labor artístico na evocação e documentação das coisas do passado da vila de Ílhavo, da Ria e praias vizinhas.

Esta oportunidade, que a Câmara Municipal de Ílhavo deu agora a C. Teles, é atitude louvável e meritória, que a nosso ver, deveria continuar na área da pintura e ser alargada para outros campos, com particular incidência nos produtos cerâmicos que tão relevantes se têm mostrado nos tempos actuais e vêm na continuidade de gerações passadas.

Perderam-se documentos urbanos e humanos de muito interesse, pois os artistas ilhavenses embora tivessem oportunidade para tal, não lhes foi proporcionado incentivo à produção.

Desses documentos, refira-se, em particular, a navegação no Canal de Ílhavo/Rio Boco, com as suas «malhadas» (Vista Alegre, Ponte de Água Fria, Gafanha da Bela Vista, Barquinha, etc.) com a azáfama diária das fainas do moliço e da pesca e bem assim a vida comercial. E a Malhada de Ílhavo, que há 50 anos possuía um conjunto urbano de típicos palheiros e muitas dezenas de embarcações de todos os tipos? E os tipos humanos que ali residiam — Ílhavo piscatório de outros tempos — estão perpetuados no barro ou na pintura?

Igualmente no centro da vila, os chamados «Sete Carris», e outros arruamentos típicos, que hoje estão tão adulterados, haverá documentos genuínos que os foquem?

E a perpetuação da labuta no mar, seja ela da nossa costa, seja ela dos mares distantes?

Poderão os nossos artistas ainda salvar algo desta terra ribeirinha de marinheiros, pescadores e de mulheres formosas?

Aqui fica esboçado um desejo e uma lembrança dirigidos aos artistas e entidades responsáveis.

De resto, o nosso aplauso pela decisão da Edilidade.

Z. N.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

(1.ª Publicação)

Faz-se saber que pelo Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro, 2.ª Secção do 1.º Juízo, correm éditos de trinta dias, citando o réu EUGÉNIO EMÍLIO FERREIRA DA COSTA, casado, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Senhora da Saúde, n.º 175, na Costa Nova do Prado, Gafanha da Encarnação — Ílhavo, para no prazo de vinte dias, findo o dos éditos e a contar da 2.ª e última publicação do presente anúncio, contestar, querendo, a Acção de Separação Litigiosa de Pessoas e Bens, n.º 245/84 que lhe move Maria Elza Santiago Oliveira, residente em Vila Verde, Oliveira do Bairro, comarca de Anadia, nos termos e com os fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra patente na Secretaria Judicial desta comarca para lhe ser entregue quando procurado, na qual em resumo, pede que seja decretada a Separação Judicial de pessoas e bens entre a autora e o citando.

Aveiro, 17 de Abril de 1985.

O Juiz de Direito,

(José Luís Soares Curado)

(Alberto Nunes Pereira)

Litoral, n.º 1370 de 3-5-85

AGENDA

CARTAZ DE ESPECTÁCULOS

TEATRO AVEIRENSE

Sexta-feira, 3 — (21.30 horas)
Sábado, 4 e Domingo, 5 — (15.30 e 21.30 horas)
Segunda-feira, 6 e Terça-feira, 7 — (21.30 horas)
PASSAGEM PARA A ÍNDIA — Um filme colorido do realizador David Lean, que alcançou dois dos «Oscars» de 1985 da Academia de Hollywood e conta com interpretações de Judy Davis, Victor Banerjee, Peggy Ashcrft, James Fox, Alec Guiness e Nigel Havers. (Para maiores de 12 anos).
Quinta-feira, 9 — (21.30 horas)
OS MISERÁVEIS — Um filme colorido do realizador Robert Hossein, baseado na obra do escritor Victor Hugo, com interpretações de Lino Ventura, Jean Carnet, Michel Bouquet e Evelyne Bouix. (Para maiores de 12 anos).

CINE-TEATRO AVENIDA

Sexta-feira, 3 — (21.30horas)
O COMBÓIO NAZI DO PRAZER — Uma película realizada por Mark Stern e interpretada por Malisa Longo, Pamela Stanford e Olivier Mathot. (Para maiores de 16 anos).
Sábado, 4 — (15.30 e 21.30 horas)
A AGENTE EM NOVA IORQUE — um divertido filme colorido do realizador Michele Tarantini, interpretado por Edwige Fenech, Alvaro Vitali e Aldo Maccione. (Não aconselhável a menores de 13 anos).
Domingo, 5 — (15.30 e 21.30 horas)
A ÚLTIMA VIRGEM AMERICANA — Uma interessante comédia-«rock», colorida, realizada por Boaz Davison e interpretada por Lawrence Monoson, Diane Franklin e Steve Antin. (Para maiores de 16 anos).
Terça-feira, 7 — (21.30 horas)
ENFERMEIRA DA NOITE — Uma película italiana do realizador Mariano Laurenti, com a vedeta Gloria Guida. (Interdito a menores de 13 anos).
Quarta-feira, 8 — (21.30 horas)
JOVENS GUERREIROS — Um filme em «Technicolor» e «Panavision», dirigido por John Peyser e interpretado por Steve Carlson Robert Pine e Jonathan Daly. (Para maiores de 12 anos).
Quinta-feira, 9 — (21.30 horas)
AFINAL, ELAS SÃO ELES! — Uma película italiana, em «Telecolor», realizada por Umberto Lenzi, em que actuam Renzo Montagnani, Anna Maria Rizzoli, Ray Lovelock e Aldo Maccione (Não aconselhável a menores de 18 anos).

ESTÚDIO 2002

Sexta-feira, 3 — (16 e 21.45 horas)
UM DIFÍCIL ADEUS — Um filme de rara qualidade com interpreações de Martin Sheen e Blythe Danner. (P/ m/ de 12 anos).
Sábado, 4 e Domingo, 5 — (15 e 21.45 horas)
Segunda-feira, 6 — (16 e 21.45 horas)
ZELIG — Uma película com o corrosivo humor de Woody Allen, produzida por Jack Rollins e Charles H. Joffe, com interpretações de Wood Allen e Mia Farrow. (P/ m/ de 12 anos).
Sábado, 4 e Domingo, 5 — (17.30 horas)
SYBIL — Uma realização de Daniel Petrie, galardoada com diversos prémios, em que são principais intérpretes Sally Field e Joanne, em segunda «matinée». (Interdito a menores de 18 anos).
Terça-feira, 7 e Quarta-feira, 8 — (16 e 21.45 horas)
O TEU OLHO É A MINHA DESGRAÇA — (Para maiores de 12 anos).
Quinta-feira, 9 — (16 e 21.45 horas)
VAMOS A ISTO RAPAZES — (Não aconselhável a menores de 13 anos).

ESTÚDIO OITA

Entre 3 e 10 de Maio
1984 — Um espectacular filme colorido de Michael Radford, com John Hurt, Richard Burton e Suzana Hamilton — na primeira sessão da tarde (15.30 horas) e na sessão da noite (21.30 horas) (Para maiores de 16 anos).
O HOMEM DO RIO NEVADO — Uma película colorida de aventuras, realizada por George Miller e interpretada por Kirk Douglas, Jack Thompson e Sigrid Thornton — na segunda sessão da tarde (18 horas). (Para maiores de 6 anos).

CONSERVATÓRIO REGIONAL DE AVEIRO

Hoje, dia 3 de Maio, pelas 21.30 horas vai realizar-se o Concerto Mensal no Auditório do Conservatório. O concerto está a cargo dos músicos José Pina, Domingos Freitas e Ricardo da Fonseca Pereira que executarão entre outras obras de Bach, C. Saint Saëns.

ANFITEATRO III — UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Dia 6 — «A ESTRANGEIRA» de João Mário Grilho
Dia 13 — «DEUS PÁTRIA 5 AUTORIDADE» de Rui Simões
Dia 15 — «CONVERSA ACABADA» de J. Botelho

NOTA: — Todos os filmes serão exibidos às 20.30 horas. Alguns dos filmes serão exibidos com a presença do realizador, bem como de outras personalidades ligadas ao cinema.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta-fera, 3 — NETO — Praceta Agostinho Campos, 13 (Bairro do Liceu) — Telef. 23286.
Sábado, 4 — MOURA — R. Manuel Firmino, 36 — Telef. 22014.
Domingo, 5 — AVEIRENSE — R. de Coimbra, 13 — Telef 24833.
Segunda-feira, 6 — MODERNA — R. Combatentes da Grande Guerra, 108 — Tleef. 23665.
Terça-feira, 7 — HIGIENE — R. Visconde Almeida Eça, 13 — Telef. 22680 — Esgueira.
Quarta-feira, 8 — AVEIRENSE — R. de Coimbra, 13 — Tel. 24833
Quinta-feira, 9 — AVENIDA — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 296 — Telef. 23865.

ESPECTÁCULO PELO «BALLET GULBENKIAN»

Na noite do próximo dia 14 (uma terça-feira), Aveiro vai ter ensejo de assistir a um espectáculo organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em colaboração com a Câmara Municipal.

Pelas 21.30 horas, actuará, no Teatro Aveirense, o «Ballet Gulbenkian» — com programa que oportunamente será divulgado.

FESTAS DA CIDADE

Aproximam-se os festejos da Cidade, cujo ponto alto é o dia 12 de Maio — feriado Municipal — comemoração da morte da Beata Joana, Princesa, com festividade religiosa de que a Procissão é acto da maior relevância e imponência, tradicionalmente, a ela se associando muitos milhares de aveirenses e forasteiros. Na próxima edição daremos pormenores da festa religiosa.

As «festas da Cidade», normalmente, têm-se apresentado empobrecidas da componente cultural.

No ano passado, por exemplo, não constou do respectivo programa (por lapso, segundo nos foi garantido) uma notável exposição de «Cerâmica Artística e Decorativa — Aveiro I» que decorreu no Museu de Aveiro, promovida pela Associação de Defesa do Património Cultural de Aveiro (ADERAV).

Para este ano, conforme, desde há meses, é do conhecimento da Comissão organizadora dos festejos, vai decorrer no mesmo espaço do Museu de Aveiro, uma exposição de homenagem a Armando Andrade, grande escultor, pintor, desenhador, medalhista... que tem sido ao longo dos últimos 60 anos, dos expoentes maiores da cerâmica artística aveirense.

Prestar-se-á, assim, um bom serviço à cultura regional e à cidade de Aveiro. Estará exposta cerca de uma centena de obras, das quais algumas poderão, eventualmente ser adquiridas (e sabemos do interesse que certas instituições de cultura têm sobre a sua obra).

A organização é da ADERAV, contando com a colaboração do Museu de Aveiro (onde a exposição decorrerá de 11 a 20 de Maio), do Museu de Ovar (a exposição abrirá, aqui, em 2 de Junho e até 15) e, naturalmente, pela categoria do certame e do seu interesse cultural, com o apoio da Câmara Municipal de Aveiro.

Outras entidades aderiram ao projecto, nomeadamente as Fábricas da Vista Alegre e a Artibus (onde o artista trabalhou), ainda as Faianças Primagera, a cuja empresa, de momento, Armando Andrade dá colaboração artística.

Curiosamente, o artista celebrará 77 anos no decorrer da exposição em Aveiro.

EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE SANTA JOANA PRINCESA

Amanhã, dia 4, pelas 3 horas da tarde, será inaugurada na Galeria Santa Joana, do Muse ude Aveiro, um certame subordinado à temática em epígrafe. A entrada é gratuita e estará aberta durante o horário normal de funcionamento do Museu de Aveiro, um certame Maio.

PEDAGOGIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Promovido pelo Secretariado Diocesano da Pastoral Familiar, vai decorrer, em 9, 10 e 11 de Maio, no Salão Nobre do Seminário, um curso subordinado ao tema em epígrafe que conta com a colaboração do Serviço de Defesa da Vida e Planeamento Familiar, a Cáritas Diocesana, Associações de Pais, Médicos Católicos, Escola Católica e Secretariado do Ensino Religioso nas Escolas.

Este curso destina-se a pais, professores, médicos, profissionais de saúde e outros educadores.

FAOJ ACTIVIDADES EM MAIO/85

CURSO DE INICIAÇÃO AO DIAPORAMA — Dias 4, 5, 11, 12, 18, 19, 25 e 26. Monitores: Teresa Paula Teixeira e Alcino José B. Hermínio.

INFORMÁTICA

Cursos de iniciação — Dias 6, 7, 8, 9 e 10, com o monitor Júlio de Sousa Martins. Dias 20, 21, 22, 23 e 24 com o monitor Horácio Barros da Silva. Dias 18 e 25, com o monitor Romeu Barroca.

Clube Juvenil — Dias 4 e 11, com o monitor Romeu Barroca. Dias 13, 14, 15, 16 e 17, com o monitor Júlio de Sousa Martins. Dias 27, 28, 29, 30 e 31, com o monitor Horácio Barros da Silva.

CINECLUBE — Dia 4, às 15,30 horas, «Juiz Fayard — O Xerife», de Yves Boisset, no Conservatório de Aveiro. Animador: Mário Rui Lebre. Levantar bilhetes na Delegação do FAOJ.

COLÓQUIO-DEBATE

Dia 9, às 21.15 horas, no Salão Cultural da Câmara Municipal, sobre «O primeiro emprego».

«OBRA DE ARTE NA PRAÇA»

Com este título apelávamos, na última edição, ao não estacionamento em cima do empedrado da Praça Marquês de Pombal, onde existem desenhos diversos que, no seu conjunto, são obra de valor e merecem recuperação.

Perguntaram-nos para quem era o «recado»... Certamente para *ninguém*, pois os estacionamentos lá continuam, contribuindo para a ruína da obra de arte já tão deteriorada. Parece sina daquela praça: foi-se parte do Convento, foi-se a lembrança de Almada Negreiros... faltam os signos de Zodíaco!

CURSOS DE PROMOÇÃO A EDUCADORAS DE INFÂNCIA

A Escola do Magistério Primário de Aveiro informa que as vigilantes dos Jardins de Infância que completaram 5 anos de serviço se podem candidatar aos cursos de Promoção a Educadoras de Infância, naquela Escola do Magistério, para o próximo ano de 1985/86. Para tanto, devem as interessadas inscrever-se na Secretaria da Escola no período de 2 a 31 de Maio de 1985.

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

COMUNICADO

Comunica-se à população em geral e particularmente a todos os que residam ou trabalhem nas imediações da antiga fábrica Cerâmica-Vouga, que se vai reiniciar a sua demolição a partir de 6 de Maio, próximo.

Esta demolição será efectuada com cargas explosivas, que poderão fazer-se sentir em grande parte da cidade.

Prevêem-se quatro rebentamentos diários, às 10, 12, 15 e 17 horas, por um período de cerca de três semanas.

Embora os rebentamentos a efectuar sejam significativamente menores que o incial de demolição da chaminé, pede-se, como medida preventiva, que nas imediações sejam abertas as janelas das habitações, bem como os vidros dos automóveis.

Mais se chama a atenção para o perigo de excessiva aproximação do local dos rebentamentos e, ainda, para as possíveis alterações de trânsito no acesso central à cidade.

Aveiro e Paços do Concelho, 30 de Abril de 1985.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
José Girão Pereira

O EMBARGO DA ESTRADA QUE LIGA A VARIANTE À GAFANHA DA NAZARÉ

É do conhecimento geral que o Tribunal Judicial de Aveiro decretou o embargo de obras da est ada que liga a variante à Gafanha da Nazaré. Passando tal via rodoviária por propriedade privada, o requerente do embargo e proprietário de terrenos onerados com a estrada, viu satisfeito judicialmente o seu pedido contra a Câmara Municipal de Aveiro. Entretanto, julgamos que o bom senso imperou e, neste momento, por via do diálogo entre as partes interessadas, estará bem encaminhada uma solução que satisfaz o interesse do proprietário e da Câmara Municipal de Aveiro. Ainda bem porque a cidade necessita urgentemente, de ver resolvidos alguns problemas do seu trânsito, nomeadamente o de viaturas pesadas pelo centro da cidade e excesso de trânsito em direcção às praias, na época balnear que se avizinha.

CURSOS DE INICIAÇÃO À PUBLICIDADE

A Casa de Cultura de Juventude de Aveiro, com a colaboração do F.A.O.J., vai promover um Curso de Iniciação à Publicidade, que decorrerá em Aveiro, nos dias 18 e 19 de Maio próximo.

As inscrições para os jovens interessados, deverão ser feitas na Delegação Regional do F. A.O.J. em Aveiro, até ao próximo dia 10 de Maio.

LIXO NA CIDADE

Várias pessoas nos têm alertado para o aspecto sujo, que a cidade apresenta, por vezes, nas zonas mais críticas, nomeadamente junto ao Mercado Municipal — e mais na área das frutas, e na área da Estação de Caminho de Ferro. Aqui, para quem chega à Estação em domingos, feriados e dias santos, os lixos acumulados tornam o Largo repulsivo.

E lembram-nos, então, que ainda há talvez uma dúzia de anos, Aveiro era das cidades mais limpas e cuidadas do País! Evolução dos tempos ou desleixo dos cidadãos e dos serviços aveirenses?!

JORNAL DE AVEIRO

Este semanário aveirense, na sua última edição, apresentou aos seus leitores uma nova equipa directiva em que o sr. Dr. Vitor Mangerão passa a ter as funções de director-adjunto.

Com os cumprimentos do «Litoral», aqui ficam votos de felicidades no desempenho das suas funções.

TRAJES REGIONAIS PORTUGUESES

Encerrou ao público, em 30 de Abril passado, uma exposição promovida pela Coordenação Distrital de Aveiro da Direcção-Geral da Educação de Adultos. O certame teve a colaboração do Museu de Aveiro, onde decorreu, e do Museu de Ovar. Aí estiveram representadas todas as regiões do país, incluindo Madeira, Açores e Macau.

EDIFÍCIO-TORRE DO CÔJO

De há anos que lutávamos contra o projecto magalómeno. Criticavam-nos, cultivaram-nos... e as Câmaras de Aveiro justificavam de todas as formas o «seu» projecto de ver, nesse local, torres que fossem únicas em Portugal.

Apraz-nos registar, porém, que, quase ao acabar o 3.º mandato, seja ainda a edilidade a que presidiu o Dr. Girão Pereira, a tomar a decisão de pôr de lado o sonho de uns quantos. Levou tempo, mas mais vale tarde.

Esperemos que surja ali, do ponto de vista urbanístico obra de qualidade, sector em que a cidade se tem mostrado bem carenciada.

ASSOCIAÇÃO DE IMPRENSA REGIONAL DO DISTRITO DE AVEIRO

Realizou-se no passado sábado, dia 27 do corrente, no edifício do Governo Civil, a primeira reunião dos Orgãos de Comunicação Social do Distrito de Aveiro com o objectivo de constituir a Associação de Imprensa Regional do Distrito. Compareceram representantes de 16 orgãos de informação regional que, além de discutirem e analisarem alguns dos objectivos da futura Associação, elegeram a sua Comissão Instaladora. Tal Comissão ficou composta por representantes de quatro orgãos de comunicação social: Jornal de Cambra, Jornal de Aveiro, Jornal de Província e Terras de Paiva.

Pelo seu original e enorme interesse que: para os orgãos de informação, quer para as populações que tais orgãos servem, quer para o Distrito em geral espera-se que a Comissão Instaladora agora eleita rápida e eficazmente, dê corpo e ponha em marcha esta tão desejada Associação.

CAPITANIA DO PORTO DE AVEIRO

Estão abertas as inscrições para exames de desportista náutico — *marinheiro* —, os quais se farão na respectiva sede da Capitania em 2, 8, 16 e 29 do corrente mês de Maio, pelas 18 horas. Os exames incidirão fundamentalmente sobre conhecimentos de embarcações, regras de navegação, noções de socorro e de combate a incêndios.

Também aí se encontram abertas as inscrições para exame de *patrão de motor* e *patrão de vela e motor,* que decorrerá em 11 e 18 de Maio, respectivamente para teórica e prática, com calendário igualmente marcado para Junho e Julho.

MONUMENTOS DE AVEIRO

A imprensa tem registado, com aplauso, a decisão tomada pelo executivo camarário no sentido de iluminar «monumentos» do património construído aveirense. Parece mesmo que o projecto estará em curso, começando pela *igreja da Misericórdia* e pelo *fontanário das 5 bicas,* cujos orçamentos, segundo as mesmas notícias da imprensa, rondarão os mil e duzentos contos.

Em nossa opinião, porém, se o intuito é valorizar e defender o património cultural da cidade, talvez a mesma verba fosse, de momento, mais útil se se aproveitasse para acudir ao convento de S.to António (pelo menos, ao telhado!) ou à igreja das Carmelitas — que desolação!, ou à Capela de Nossa Senhora da Alegria ou ainda à «Câmara de Esgueira, ou reconhecendo que não há dinheiro para acudir a tudo isto que é tão urgente e em alguns casos inadiável, temos que aceitar que, por amor ao património cultural se deve começar por iluminar as fachadas?

CURSO DE FOTOGRAFIA

Também a Casa de Cultura da Juventude de Aveiro, com a colaboração do F.A.O.J. promove um Concurso de Fotografia subordinado ao tema «Juventude e Participação».

Destina-se este concurso a jovens amadores de fotografia, dos 15 aos 30 anos de idade.

As fotografias podem ser enviadas pelo correio ou entregues nas instalações do F. A. O. J., em Aveiro, até ao dia 30 de Setembro do corrente ano.

PONTE DA RATA

Queixam-se os moradores daquela área — Eirol — de que a ponte instalada provisoriamente — há quantos anos?! sobre o rio Agueda, feita em madeira, é actualmente forte causa de mal-estar. Com efeito, enquanto o tempo foi húmido

Entretanto, ter-se-ão ultimae as pranchas de madeira estavam inchadas, os barulhos das viaturas eram atenuados.

do «serviços de reconhecimento dos terrenos», com vista à nova ponte, com furos que atingiram bastante profundidade (cerca de 30 metros).

Agora, porém, que as referidas pranchas secaram e parecem soltas, a todo o momento a pacata aldeia e, particularmente, os habitantes de junto à ponte, são confrontados com «autêntico ribombar de trovão» que muito perturba, em especial, a tão desejada calma da noite.

Assim se tornou definitivo o que era provisório e o que deveria ser um bem para todos, tormento para muitos.

Falecimento

Na madrugada de 26 de Abril transacto, faleceu, um tanto inesperadamente, Francisco dos Santos da Benta, septuagenário, que deixou viúva a sr.a D. Maria de Lourdes Ferreira Vale dos Santos e era pai dos srs. Eng.º Francisco Manuel Ferreira Vale dos Santos e da sr.ª D. Maria da Ascenção Graça dos Santos. Foi a sepultar no Cemitério Sul, na manhã do pretérito domingo.

O saudoso extinto era sócio da prestigiada empresa aveirense «Lusitânia», onde o «Litoral» foi impresso, desde o início da sua publicação, durante vários anos, e um dos fundadores e proprietários desta folha, pelo que também este semanário, que muito lhe ficou a dever pela sua dedicação e competência, também se sente em luto.

A família de Francisco dos Santos da Benta e à «Lusitânia» aqui ficam expressos sentidíssimos pêsames.

TELEFONES ÚTEIS

CAMINHOS DE FERRO — 24485
BOMBEIROS VELHOS — 29979 - 22122
BOMBEIROS NOVOS e
SOCORROS A NÁUFRAGOS — 22333 - 25122
CENTRO HOSPITALAR AVEIRO-SUL — 25006/7/8
GUARDA FISCAL — 21638
G.N.R. — 22555
BRIGADA DE TRÂNSITO — 23429
P.S.P. — 22022
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS — 22631 - 23055
SERVIÇO DE EMERGÊNCIA — 115

Historiografia Aveirense

Continuação da 1.ª página

grandes — para resolver e que lhe atrasaram a montagem.

Por volta de 1911, conseguiu arrumar contas com os irmãos e separar-se deles. Nessa arrumação de contas sentiu-se muito prejudicado, mas muito satisfeito por se ter visto livre deles — segundo nota escrita por seu punho num caderno de apontamentos de capas de oleado que continha várias notas referentes a este assunto.

Acompanhado do seu cunhado Abílio Pereira Campos, que era mestre de obras, do filho deste (o António) e de mais três ou quatro operários que com ele se conservaram pela vida fora, deu início aos trabalhos da construção da fábrica — um simples barracão — onde implantaram o forno contínuo e as gaiolas para a seca do material a fabricar.

Todos trabalhavam com afinco, desde manhã cedo até à luz do dia o permitir.

As máquinas foram encomendadas em França, juntamente com as da fábrica das Quintãs que, nessa ocasião, se estava a montar com capitais dos membros da família Tavares Lebre.

Em 1912 a fábrica estava pronta a funcionar e João Campos (segundo constava do já referido livro de capas de oleado) tinha em caixa, unicamente, a importância necessária para pagar uma semana de férias ao pouco pessoal — o indispensáve, que ele tinha admitido para iniciar a laboração.

A pouco e pouco, trabalhando do nascer ao pôr do sol — era horário, então muito usado — foi fazendo a sua casa. Conseguiu comprar os terrenos adjacentes à fábrica que eram diversas courelas com direito de saída para a travessa do Picadeiro e Viela da Folsa (a fim de, com mais facilidade, poder carregar, com carros de bois, o seu material nos vagões do Vale do Vouga), e bem assim arranjar uma boa e grande clientela.

A partir de Oliveira de Azeméis e até Arouca, passando por Vale de Cambra, toda a gente só comprava telha do João Campos, que era vendida por José Dias de Carvalho, não só no seu estaleiro da estação de Oliveira de Azeméis, como também nas feiras de Vale de Cambra.

E os povos das Gafanhas, desde a da Nazaré até à do Areão eram clientes, quase que exclusivos, da Cerâmica Aveirense do Canal de S. Roque, nome que João Campos escolheu para a sua fábrica para a distinguir da dos seus irmãos que usava o de Cerâmica Aveirense. O transporte para esta zona era feito, normalmente, nos barcos que, aos Domingos, tinham trazido os produtos agrícolas para abastecer o mercado de Aveiro.

E conseguia-se que os barqueiros fossem, sem protesto, carregar ao Canal de S. Roque (apesar das Fábricas Campos ficarem mais perto do mercado), porque os mestres preferiam empregar o material da Fábrica do Canal, e, também porque lhes era oferecida uma «pinga» de um vinho parreirol, fabricado com as uvas das videiras que havia na quinta da fábrica e do qual os barqueiros eram grandes apreciadores, para «matarem o bicho».

Era um vinho muito leve como todos os «parreirois» — com uma certa «agulha» e tirado ao «espiche» na frente de quem o ia beber.

Acresce que João Campos acompanhava as manobras do carregamento e conversava com mestres e barqueiros, o que eles apreciavam imenso.

As zonas ribeirinhas, até Ovar, por facilidade nas cargas do material, no cais, em frente da fábrica, eram também clientes que pesavam no total das vendas.

E, por agora, deixo em sossego as fábricas de telhas e tijolos da nossa terra, evitando, propositadamente falar da catastrófica maneira como se afundaram.

É história muito moderna...

CORRIGINDO...

Na ACHEGA anterior (XCVIII) na linha 14, da página 3, vem escrita a palavra *Hender*, quando deveria ser *TÊNDER* que é uma bicicleta de pedais tripulada por duas ou mais pessoas.

Noutros tempos, era vulgar aparecerem as de dois lugares; mas, de vez em quando, viam-se tênderes com três e quatro pessoas, todas a pedalarem muito certinhas.

Eram umas bicicletas muito compridas que, para darem a volta em diversas ruas, se viam «enrascadas».

Também se chama TÊNDER ao vagão que, no caminho de ferro, segue, imediatamente, a máquina motora.

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

A Ria de Aveiro em «cartaz»

Continuação da 1.ª página

GERAR A RIA — não é original. Basta mencionar os cartazes alusivos à Festa da Ria e toda a propaganda turística relacionada com a Ria de Aveiro, além das inúmeras aguarelas, guaches e óleos que por aí proliferam, para se verificar que, pelo menos na cidade de Aveiro e arredores, nove de cada dez habitantes tem um moliceiro semelhante pendurado. Por outro lado, o cartaz vencedor não tem impacto. Além de apresentar uma coloração demasiado suave, em tons neutros e deslavados, a própria letragem «Proteger a Ria» não se coaduna com a imagem, desvirtuando o sentido plástico que eventualmente se quis pretender e oferecendo ao observador, uma amálgama variada de leituras, de conclusão «perigosamente» decorativa. «Proteger a Ria», «Moliceiro na Ria», «Faça Férias no Litoral» ou «Utilize o moliceiro para as suas férias» eram hipóteses de títulos que em nada desfavoreciam a figura em causa. Consequentemente, a mensagem do cartaz é a mensagem gramatical das palavras. Não houve preocupação em criar uma paisagem, que por si só dissesse tudo, sem a muleta do «lettering» (ou vice- versa). Assim, a mensagem (degradação da Ria) e o objectivo (alertar e mobilizar) pura e simplesmente não existem. Quanto à qualidade gráfica assinale-se que é o único elemento a ser considerado no cartaz em apreço, não obstante o desenho do moliceiro (diferentemente tratado na proa e na vela) evidenciar uma posição demasiado rígida, que contrasta com a leveza e elegância próprias destes barcos. Em todo o caso, quanto a este aspecto, quer o 2.º prémio, quer as menções honrosas, quer alguns «terceiros prémios» (inexplicavelmente não atribuídos), são francamente superiores ao cartaz vencedor.

Em conclusão, reafirma-se a possibilidade de eventuais dificuldades por parte do júri, na escolha de um critério unânime para a premiação. Só assim se poderá explicar a opção exclusiva (absurda) pela qualidade gráfica, subalternizando, deste modo, o próprio objectivo que presidiu à organização do concurso. Mas mesmo ao optar mal, o júri deliberou pior, ao atribuir um prémio a um «dejá vu» que, apesar de bonitinho não chega sequer a ser bonito.

Henrique Vaz Duarte

T.V. Indigesta

Cont. da 1.ª página

nha porque, na minha passividade, conivente com todas essas promessas de vida que não chegaram a sê-lo. Virtualidade que não volveu coisa real. Tudo perdido através do sofrimento ignorante. «Mortos Duzentos Milhões — Todos Nós». Advertência de Jean Raspail em livro de angústia e morte. Por favor, leiam.

— Muda de canal. Estes tipos estragam-nos a digestão com o estupor destas notícias. Deviam proibir tanta miséria e porcaria. Tudo isto nos entra pela casa sem aviso. Chiça!

Será que isto acontecerá sempre aos outros?, em outras latitudes, entre povos de outra cor, em outro estádio civilizacional? Afirmá-lo seria um risco que me abstenho de correr. De qualquer maneira, prefiro a verdade pungente ao enxurro de palavras que são já oceano ameaçando trepar até o nível da nossa boca. Cidadão do mundo porque acredito na verdade da cultura, não posso deixar de ter como insignificantes os problemas que todos dizem vivermos. Que são essas dificuldades se cotejadas com a morte implantada em galhos humanos, com esta espécie de morte por abandono frio e total?

E, para nossa vergonha, recordemos que um submarino atómico custa tanto dinheiro quanto esta cidade tal como a conhecemos. Que um novo bombardeiro (amanhã obsoleto) equivale ao preço de trinta faculdades de ciências de mil estudantes cada uma ou a setenta e cinco hospitais de cem camas completamente equipados (números de «Correio» da Unesco). Mas haverá vergonha?

Há dádivas de todos os quadrantes do mundo. Lê-se nos jornais. Evidentemente. Há sempre quem se levante do charco para *parecer*, nunca para dar integralmente, muito menos para resolver em definitivo. Desde que me conheço com cérebro que sei biafras todos os anos. Que sei o aplacar de consciências através do paliativo. Só.

VASCO BRANCO

Arca de Antiguidades

Continuação da 1.ª página

Tanoeiros, com estandarte.

Fábrica de Louça da Fonte Nova, do Cojo, da Telha de Marselha e Moagem a Vapor. Operários Chapeleiros, com carro.

Operários e Bombeiros de Ílhavo, com estandarte e música.

Operários Barbeiros, com estandarte.

Serralharia Gamelas, com carro.

Oficina Trindade & Filhos, com carro.

Sociedade Recreio Artístico. Bombeiros Voluntários de Aveiro, com carro e a sua Banda.

Classes diversas: *Sapateiros, Alfaiates, Tipógrafos, Funileiros*, etc..

Fechará o Cortejo a *Associação dos Operários Construtores Civis*, com carro de todas as artes.

Subirão ao ar girandolas de foguetes.

● Às 9 horas da noite: *Serenata* na ria.

Litoral

TABELA DE PREÇOS

Preço avulso: 20$00
Assinatura Continente: 750$00
Assinatura Estrangeiro: 2.000$00

PUBLICIDADE

1 página	15.000$00
1/2 »	9.000$00
1/3 »	6.000$00
1/4 »	5.000$00
1/5 »	4.500$00
1/6 »	3.750$00
1/8 »	3.000$00
1/10 »	2.500$00
1/12 »	2.000$00
1/16 »	1.750$00
1/20 »	1.500$00
1/32 »	1.000$00
anúncio mínimo abaixo da medida precedente	700$00
Texto por linha	50$00

DESCONTOS

5 publicações	5%
10 »	10%
A partir de 25 publicações	15%
De Agência	20%

NOTAS:

1.ª Esta tabela entrou em vigor no dia 26 de Abril de 1985;
2.ª Ao preço líquido dos anúncios acresce, como é de lei, de imposto de selo de 10%, a cargo do anunciante;
3.ª Não se publicam anúncios (normalmente) na 1.ª e última página;
4.ª Anúncios com localização indicada pelo cliente são acrescidos de + 20%, incluindo a indicada para «página de texto».

SR. ASSINANTE

Guarde e coleccione «Litoral».

Talvez, mais tarde, disponha, assim, de preciosa fonte de informações sobre a vida de Aveiro e da região.

Continuação da última página

Sem comentário...

uns tempos, ao Estádio de Mário Duarte. E embora tivessemos notícia de que, para ali se poderem disputar jogos oficiais de carácter internacional, o recinto haveria de possuir, em torno do tapete de relva, uma vedação de arame, para proteger eventuais invasões de assistentes mais exaltados, foi enorme o choque que recebemos diante do cenário que se nos deparou.

A rede metálica, encimada por arame farpado, causou-nos um sentimento de profunda tristeza, de imenso desgosto — dado que nos arrepia ver, deste jeito, tão postergados os nobres ideais que, segundo pensamos, sempre deviam existir na primeira linha das jornadas desportivas: Amizade, Convívio e Alegria! Um preço que, se dependesse de nós, nunca teríamos pago — este custo da vedação que a nossa Câmara colocou no Estádio Municipal, e que tanto nos custou a ver que era uma lamentável realidade...

Por associação de ideias, lembrámo-nos de um comentário lido, na noite de 21 de Abril último, na televisão, pelo Jornalista Manuel da Costa, a dada altura do programa «Domingo Desportivo». E, por gentil anuência daquele nosso Amigo, reproduzimos, no LITORAL, as suas palavras:

«/.../ Voltamos ao futebol, ainda que ao futebol internacional, com a leitura de um «telex» que acabamos de receber e para o qual chamamos a atenção, sobretudo dos adeptos do futebol:

O Chelsea vai tornar-se, brevemente, o primeiro clube britânico a proteger o seu campo contra o excessivo entusiasmo dos espectadores, electrificando a vedação. O projecto prevê que uma cobertura electrificada, com pouco mais de três metros em volta do campo, esteja concluída no próximo sábado, data em que a equipa do Chelsea defronta o Tottenham.

Com esta medida, o entusiasmo dos adeptos poderá, assim, esfriar um pouco; e os mais excitados, se tocarem na rede, ficam sujeitos a uma descarga eléctrica equivalente à que é usada com o gado, para o não deixar fugir do recinto.

Fica aqui a leitura deste «telex», que não pode deixar de desgostar todos quantos pugnam para que o futebol seja, acima de tudo, um espaço de confraternização, de convívio, de festa. E fica também o voto de que, em Portugal, os adeptos do futebol tenham sempre um comportamento exemplar, de forma a que uma medida deste tipo nunca tenha de ser tomada entre nós.

E que, de vedações, já temos quantas baste. E há que recuperar, para o Desporto, o seu lado humanizante /.../».

Estamos, de alma e coração, ao lado de Manuel da Costa, subscrevendo integralmente o seu justíssimo e oportuníssimo apontamento crítico. Entretanto, notícias posteriores ao «telex» em apreço, dão-nos conta de que a Câmara de Londres se manifestou contra a decisão dos dirigentes do Chelsea e embargou os trabalhos, que foram logo suspensos — com o argumento de que os regulamentos desportivos terão forçosamente de encontrar outras medidas que impeçam a violência e os desacatos nos recintos de futebol, sem se recorrer à electrificação das redes metálicas, dado que tal sistema poderia provocar catástrofes de grande dimensão, inclusive causando mortes.

O Presidente do Chelsea, porém, declarou não se conformar com a Edilidade londrina e que o assunto iria ser entregue aos advogados do clube, para elaborarem um recurso neste caso...

...um caso que lamentamos, muito sinceramente e muito veementemente! E que nos leva, em conclusão da presente nótula, porventura mais extensa do que se esperaria, vendo o título (SEM COMENTÁRIO...) que lhe demos, a um remate bem ao gosto inglês, e com igual significado: NO COMMENTS!...

ANTÓNIO LEOPOLDO

I Grande Prémio Beira-Vouga

Crovam. *Circuito de Vale de Cambra* — Vinho Verde de Vale de Cambra. *Cartaz Publicitário e Carro de Som* — Proleite. *«Carro-Vassoura» e Dorsais* — Orbita.

★

A Comissão de Honra do «Grande Prémio» é composta pelos srs. Dr. Gilberto Madail, Governador Civil de Aveiro; Dr. Girão Pereira, Presidente da Câmara Municipal; e Dr. Manuel Teixeira, Director de «O Comércio do Porto».

A Comissão Executiva é formada pelos Jornalistas Daniel Rodrigues e Capitão Joaquim Nunes Duarte, que ficaram também encarregados, respectivamente, dos Pelouros da Comunicação Social, Relações Públicas e Serviços Administrativos.

O Director da Corrida será Joaquim Queirós, Jornalista de «O Comércio do Porto» e Director da «Gazeta dos Desportos».

Outros elementos oficiais: Secretaria — Santos Maia. Médico — Dr. Antídio Costa. Estafeta — Joaquim Silva, Comandante da Brigada de Trânsito da G.N.R. — Sargeno-Ajudante Gonçalves.

O Serviço de Metas foi confiado à C M. Aveiro e a Delegação de Aveiro da D.G.D. terá à sua conta o Serviço de Video-Tape. Uma ambulância dos «Bombeiros Velhos» acompanhará a corrida.

★

Paralelamente, haverá dois concursos (um jornalístico e outro fotográfico), subordinados ao tema NA ROTA DA BACIA DO VOUGA e cujos regulamentos adiante registamos:

CONCURSO JORNALÍSTICO

1.º — Integrado no *I Grande Prémio Beira-Vouga*, em ciclismo patrocinado pelo jornal «O Comércio do Porto», realiza-se, simultaneamente, um concurso jornalístico.

2.º — O concurso obedecerá à temática «Na Rota da Bacia do Vouga» visando premiar os três trabalhos que melhor desenvolvam os aspectos económico-social-turístico de toda a Bacia do Vouga, desde a Barra de Aveiro à Lapa.

3.º — Poderão participar neste concurso jornalistas da Imprensa, Rádio e Televisão que acompanhem e façam a cobertura do *Grande Prémio Beira-Vouga*.

4.º — Este concurso tem o patrocínio do Governo Civil de Aveiro, «O Comércio do Porto» e Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Aveiro.

5.º — Foram instituídos os seguintes prémios: 30, 20 e 10 mil escudos, respectivamente para o 1.º, 2.º e 3.º classificados; e ainda três estatuetas em «biscuit» (Vista-Alegre), de Santa Joana Princesa, oferta do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Aveiro.

6.º — Os trabalhos, devidamente dactilografados, a dois espaços, não deverão ter menos de sete e nem mais de dez folhas formato A-4.

7.º — Os trabalhos serão apresentados um mês depois de concluído o *Grande Prémio Beira-Vouga*.

8.º — Os trabalhos premiados são publicados em «O Comércio do Porto», podendo sê-lo, também, noutros órgãos da Comunicação Social, mas só posteriormente à publicação em «O Comércio do Porto» e com autorização da Organização.

9.º — Os concorrentes deverão enviar os trabalhos à Delegação de «O Comércio do Porto», em Aveiro (Praça Humberto Delgado) assinados com pseudónimo, em envelope fechado, contendo no interior a indicação do pseudónimo e os elementos exactos da identificação do concorrente.

10.º — O Júri será constituído por dois elementos do Gabinete do Vouga, um do Turismo (Aveiro), um do Pelouro da Cultura da Câmara de Aveiro, um representante da Organização do *Grande Prémio*, Director de «O Comércio do Porto» (que poderá delegar num dos redactores do matutino portuense) e, ainda, do Governador Civil de Aveiro.

11.º — A atribuição dos prémios deverá ser tornada pública quarenta dias depois do termo da prova do *Grande Prémio*.

12.º — Não haverá recurso da decisão do Júri.

13.º — O Júri poderá decidir não atribuir qualquer prémio, ou todos os instituídos para este concurso.

14.º — Os casos omissos serão resolvidos pela entidade organizadora do concurso.

CONCURSO FOTOGRÁFICO

1.º — Simultaneamente ao Concurso Jornalístico (escrito) a Organização promove, também, um Concurso Fotográfico, para os fotógrafos que acompanhem e façam reportagem para os seus jornais.

2.º — O concurso obedecerá aos requisitos expressos no regulamento anterior, nas alíneas que sejam comum às duas modalidades de concurso.

3.º — Foram atribuídos três prémios: 20, 10 e 5, respectivamente, para a foto classificada em 1.º, 2.º e 3.º lugar, e ainda uma estatueta em «biscuit» de Santa Joana Princesa (Vista-Alegre).

4.º — As fotografias apresentadas a concurso deverão ser a preto e branco, no formato de 18x24 cm.

5.º — O Júri será constituído por um elemento da Organização, por dois repórteres fotográficos, e por um representante do Turismo de Aveiro e do Pelouro da Cultura da Câmara de Aveiro.

6.º — As fotos premiadas poderão ser publicadas nos trabalhos (escritos) respectivamente correspondentes ao primeiro, segundo e terceiros classificados.

7.º — Também neste concurso não haverá recurso da decisão do Júri e este poderá atribuir ou não os prémios estabelecidos pela Organização.

Futebol

União de Coimbra, 32. BEIRA-MAR, 26. RECREIO DE ÁGUEDA, 25. Torriense, Peniche, Ginásio de Alcobaça e Estrela de Portalegre, 24. Caldas, 23. Mangualde, 22. Guarda, 21. ESTARREJA, 19. Marinhense, 18. Benfica de Castelo Branco, 17.

★

No próximo fim-de-semana, efectuam-se os encontros referentes à 26.ª jornada, competindo às turmas do nosso Distrito actuar nos seguintes jogos:

Fafe — LUSITÂNIA DE LOUROSA, Valonguense — SANJOANENSE, ESPINHO — Paços de Ferreira, FEIRENSE — Leixões. ESTARREJA — Torriense, RECREIO DE ÁGUEDA — «O Elvas» e Estrela de Portalegre — BEIRA-MAR.

Remo

O Estrela Azul vai já na decorrente temporada competir, em provas regionais e nacionais, com o seu «Shell» de 4 (com timoneiro), nas categorias de juniores e de seniores.

No pretérito sábado, o Posto Náutico do Estrela Azul, situado junto à Pista do Rio Novo do Príncipe, recebeu a visita do Secretário de Estado dos Desportos, que ali se deslocou acompanhado pelo Delegado em Aveiro da DGD, tendo garantido apoio financeiro estatal para as subsequentes obras programadas (segunda e terceira fases) e para aquisição de material (embarcações) para o Clube Estrela Azul.

Basquetebol

(operador de 30 segundos) ambos de Aveiro.

Alinharam e marcaram:

Beira-Mar — Miller (52), Laurentino (14), Moreira (8), Peixinho (7), Carlos Jorge (14), Jorge Carvalho (2), Lobo (4), Paulo Amaral, Pedro Manta e Estima. *Treinador* — Carlos Bio.

Académica — Paulo Queirós (11), Miguel Soares (38), Martinho (31), António Silva (2), Jorge Dias (21), Luís Carvalho, Morgado, Mascarenhas, Jorge Martins e Miguel Babo. *Treinador* — Alfredo Robalo.

Resultados parciais — 1.ª parte: 47-39. 2.ª parte: 42-50. Prolongamento: 12-14.

Aguardado com enorme expectativa e de muita importância para ambas as turmas (sérias e credenciadas candidatas à subida à I Divisão), o prélio Beira-Mar — Académica constituiu excelente e empolgante espectáculo, prendendo até ao derradeiro instante o interesse das muitas centenas de adeptos que acorreram ao recinto do Alboi.

Tratou-se, de facto, de um jogo disputadíssimo, com luta leal e sem tréguas, que forçou inclusive os basquetebolistas a um período suplementar, num prolongamento determinado pelos regulamentos da modalidade, nos casos em que se verificam igualdades no termo do tempo normal dos desafios.

Quando se atingiu o intervalo com os beiramarenses no comando, com oito pontos de vantagem (47-39), ficou-se com a impressão de que o triunfo final não escaparia aos auri-negros — ideia que ganhou mais força quando, a meio do segundo tempo, o avanço se dilatou para treze pontos (77-64), depois de vigoroso «forcing» a desfazer uma situação de empate (59-59) conseguida pela Académica.

Os estudantes (que, na primeira parte do jogo, tinham conseguido igualdades a 8, 10, 12 e 14 pontos, usufruindo de três situações favoráveis: 10-12, 14-16 e 16-18) nunca deram mostras de desânimo, não ficando afectados com a marcha do marcador. E viriam a operar um sensacional «volte-face», que lhes valeu a conquista de novo empate (89-89), que determinou o recurso ao prolongamento.

Nos cinco minutos complementares (de muitos nervos, dentro e fora do rectângulo do jogo...), o êxito pendeu para a turma mais serena, mas consciente e, sobretudo, mais feliz (e menos afectada na sua estrutura-base — já que, registe-se, o Beira-Mar não contou, então, com o concurso de dois elementos do «cinco» inicial, Peixinho e Laurentino, excluídos do jogo por atingirem as cinco faltas...) Os aveirenses marcaram quatro «cestas» e converteram quatro lances-livres (um total de 12 pontos) e os conimbricenses alcançaram quatro «cestas» e transformaram seis lances-livres (somando 14 pontos), ficando a ambicionada vitória a pertencer à Académica, por 103-101.

Anote-se, em fecho, que neste encontro só a Académica conseguiu «cestas» de 3 pontos, todas alcançadas, curiosamente, em lançamentos de Miguel Soares — em três arremessos que colocaram o «score» em 31-27, 55-52 e 71-64; e que a arbitragem da «dupla» lisboeta produziu trabalho imparcial, seguro, certo, que muito valorizou, neste aspecto, a qualidade do desafio.

★

Depois deste desaire, o Beira-Mar continua isolado no topo da tabela, mas o seu avanço ficou reduzido a um ponto (sobre a Académica) e a dois pontos (sobre o Vasco da Gama) — pelo que tanto os estudantes como os vascaínos voltam a ter renovadas esperanças na disputa do posto cimeiro, que terá como prémio a subida de escalão.

Faltam jogar agora cinco desafios da segunda volta, em que tudo pode acontecer. E, à partida, o maior favoritismo deve conceder-se à Associação Académica, que receberá, em Coimbra, o Vasco da Gama (já amanhã, à tarde) e o Beira-Mar (na tarde do dia 18 de Maio). Redobrados motivos de emoção e interesse para a longa prova, em que haverá que contar com os restantes concorrentes (Desportivo de Leça, A.R.C.A. e Naval), bem capazes de fazer tropeçar os mais cotados...

Xadrez de Notícias

Na sequência de ... da Zona Norte. No entanto, e porque se verificaram problemas no seu apuramento (envolvendo os grupos do Feirense, Lamas e Avanca — devendo, inclusive, ter sido repetido o embate Feirense - Lamas, na tarde da passada quarta-feira), é bem possível que a data da final tenha sido alterada.

Decorreu nesta cidade, entre 26 e 28 de Abril findo, o IV Congresso Nacional Técnico-Científico promovido pela Associação Portuguesa de Técnicos de Natação — um relevante acontecimento, de que daremos notícia mais desenvolvida em próxima edição do LITORAL.

Promovida pela Comissão de Festas de S. Gonçalinho e com organização do Targa Clube, disputa-se, amanhã e no domingo, o *I Autocross Cidade de Aveiro* — corrida que terá duas «mangas», de dez voltas cada uma, e se realiza no Bairro de S. Tiago, em terrenos anexos ao Estádio de Mário Duarte.

No último fim-de-semana, nos desafios da 17.ª jornada do VIII Campeonato de Veteranos do Norte, apuraram-se os seguintes desfechos:

Limianos, 2 — Arrifanense, 3; Vilanovense, 3 — Infesta, 0; Feirense, 0 — União de Lamas, 7; Sanjoanense, 5 — Oliveirense, 0; e Beira-Mar, 2 — Lusitânia de Lourosa, 1. (Foi dia de descanso do Bustelo).

O Beira-Mar é guia isolado, com 38 pontos, mas condicionalmente, já que os seus imediatos seguidores (União de Lamas e Sanjoanense) somam 35 pontos, mas têm menos um jogo realizado.

A Direcção da Associação de Desportos de Aveiro marcou para hoje, pelas 18 horas, na sua sede, uma Conferência de Imprensa destinada a fornecer pormenores relacionados com a realização, nos dias 11 e 12, do VI Torneio de Santa Joana, em selecções de iniciados de basquetebol.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 19 DO «TOTOBOLA»

12 de Maio de 1985

1	Porto — Belenenses	1
2	Rio Ave — Sporting	2
3	Benfica — Varzim	1
4	Portimonense — Académica	1
5	Guimarães — Farense	1
6	Setúbal — Salgueiros	X
7	Boavista — Penafiel	1
8	Braga — Vizela	1
9	Sanjoanense — Espinho	1
10	P. Ferreira — Chaves	X
11	Barreirense — Estoril	1
12	Lusitano — E. Portalegre	1
13	Odivelas — Marítimo	X

Sem Comentário...

Na penúltima quarta-feira, nesta cidade, o desafio internacional de juniores «A» entre as selecções de Portugal e da Áustria, da fase qualificativa do Campeonato da Europa, deu-nos o mote para este apontamento, em que entendemos dever salientar umas quantas facetas, para além do registo do rotundo fracasso averbado pela equipa das quinas (0-3), num jogo em que a humildade e a força física dos austríacos — aparentemente muito «toscos», mas a revelarem-se um bloco coeso e harmónico, com elevado sentido posicional e magnífico grau na entreajuda e na saída para o ataque — deitaram a terra um conjunto de jogadores, habilidosos e de boa técnica individual (fora de dúvida!), mas que nunca foram uma verdadeira equipa, nem souberam arranjar o antídoto apropriado para tornear os escolhos surgidos de parte de um adversário de valia semelhante à sua... Anotaremos, ainda e apenas, porque o caso ganha foros de pouco vulgar (quando não de invulgar!), que a turma de Portugal teve a seu favor três grandes penalidades, não tendo os três jovens encarregados de as apontar conseguido converter qualquer desses castigos máximos!

Em reverso do castigo, no campo desportivo, houve, no campo financeiro, um saboroso prémio, já que ao «Mário Duarte» acorreram muitos milhares de espectadores. E, embora os jovens tivessem acesso gratuito ao estádio, a receita bruta apurada — rondando a casa dos 680 contos! — é um notável «record», que causou surpresa (além de satisfação...) aos dirigentes federativos.

★

Já não nos deslocávamos, há

Continua na penúltima página

AVEIRO nos 'NACIONAIS'

II DIVISÃO

ZONA NORTE

Resultados da 24.ª jornada

Jogo	Resultado
Chaves — Felgueiras . . .	1-0
ESPINHO — Leixões . . .	0-0
Fafe — Paços Ferreira . . .	0-2
Famalicão — LUSITÂNIA .	4-1
FEIRENSE — Gil Vicente .	2-0
Lixa — SANJOANENSE . .	3-1
Tirsense — Marco	4-0
Valonguense — Aves . . .	2-1

Resultados da 25.ª jornada

Jogo	Resultado
Aves — ESPINHO	5-0
Felgueiras — FEIRENSE . .	0-0
Gil Vicente — Tirsense . .	3-0
Leixões — Chaves	1-0
LUSITÂNIA — Lixa . . .	1-0
Marco — Famalicão . . .	1-1
P Ferreira — Valonguense .	2-0
SANJOANENSE — Fafe . .	1-1

Classificação actual

Chaves e Desportivo das Aves, 34 pontos. Paços de Ferreira e Leixões, 33. Famalicão, 28. ESPINHO, 27. Felgueiras, 26. Tirsense, Lixa, Fafe, Gil Vicente e LUSITÂNIA DE LOUROSA, 23. FEIRENSE, 22. SANJOANENSE, 17. Marco, 16. Valonguense, 15.

ZONA CENTRO

Resultados da 24.ª jornada

Jogo	Resultado
RECREIO — Guarda . . .	5-1
Alcobaça — BEIRA-MAR .	2-1
B. C. Branco — Mangualde .	0-0
E. Portalegre — U. Coimbra	0-0
ESTARREJA — Covilhã . .	0-0
Marinhense — Caldas . . .	2-2
Peniche — U. Leiria . . .	1-1
Torriense — Elvas	0-0

Resultados da 25.ª jornada

Jogo	Resultado
BEIRA-MAR — B. C. Branco	4-1
Caldas — Alcobaça	2-0
Covilhã — RECREIO . . .	2-1
Elvas — ESTARREJA . . .	3-1
Guarda — Peniche	2-1
Mangualde — E. Portalegre .	2-1
U. Coimbra — Torriense . .	4-1
U. Leiria — Marinhense . .	1-0

Classificação actual

Sporting da Covilhã e «O Elvas», 34 pontos. União de Leiria, 33.

Continua na penúltima página

ESTRELA AZUL

Novo Clube Aveirense a praticar o Remo

Fundou-se em Cacia, no ano findo, o Clube Estrela Azul — novel colectividade que se dedica, de momento, a três desportos: Atletismo, Futebol e Remo.

De relevar que a agremiação caciense tem uma equipa feminina a disputar o Campeonato Distrital da Associação de Futebol de Aveiro, que esta época se realiza pela primeira vez.

E no que concerne ao remo,

Continua na página 7

Remadores do Galitos na Bélgica

Na cidade belga de Gand, realizam-se competições internacionais de remo, nos próximos dias 11 e 12. E nelas vão estar presentes três remadores da velhinha e prestigiosa «Náutica» do Clube dos Galitos, integrando a representação portuguesa naquelas regatas.

Trata-se de três «skiffistas»: os seniores António Pedro e Vitaliano José; e o promissor júnior João Pedro Antunes Ferreira da Cruz — um jovem de 17 anos, que, na época finda, foi campeão nacional numa tripulação do «Shell» de 2, com timoneiro e é considerado uma das grandes esperanças do Remo Português.

Deverá relevar-se esta saída à Bélgica dos remadores do Galitos, que, aos poucos, estão a regressar às suas épocas áureas, conquistando, aquém e além fronteiras, significativos êxitos. A viagem de Aveiro para Gand será feita numa carrinha, decorrendo (ida-e-volta) de 7 a 14 de Maio. Os atletas alvi-rubros serão acompanhados pelo dirigente Carlos Picado, estando em dúvida a viagem do treinador da «Náutica», Fernando Estima.

CAMPEONATOS NACIONAIS

II Divisão — Zona Norte

GRUPO A

Resultados da 5.ª jornada

Jogo	Resultado
ARCA — Vasco da Gama	75-82
Desp. Leça — Naval . .	101-102
BEIRA-MAR - Académica	101-103

Tabela classificativa

	J.	V.	D.	P.
BEIRA-MAR	25	21	4	46
Académica	25	20	5	45
Vasco da Gama	25	19	6	44
Desp. Leça	25	12	13	37
ARCA	25	12	13	37
Naval	25	11	14	36

Próximas jornadas

Sábado, 4 — Académica — Vasco da Gama, ARCA/Mimosa — Naval 1.º de Maio e BEIRA-MAR/Cerexport — Desportivo de Leça (17 horas). *Domingo, 5* — Naval 1.º de Maio — Académica, Desportivo de Leça — ARCA/Mimosa e Vasco da Gama — BEIRA-MAR/Cerexport (17 horas).

Beira-Mar, 101 Académica, 103

Jogo no Pavilhão do Beira-Mar, na tarde de sábado. Arbitraram os srs. António Pimentel e Mário Neves, de Lisboa, actuando, na mesa: Cândido Rodrigues, de Lisboa (cronometrista); Ernesto Lopes (marcador) e António Tavares dos Santos

Continua na penúltima página

Apontamentos sobre a prova de ciclismo

Organização e iniciativa do jornal O Comércio do Porto

I Grande Prémio Beira-Vouga

Na sequência de quanto se escreveu, no nosso anterior número, sobre esta corrida — que estará nas estradas beirãs de 7 a 12 de Maio — vamos trazer, hoje, aos leitores do LITORAL mais uma série de apontamentos alusivos ao *I Grande Prémio Beira-Vouga em Bicicleta*.

E começamos por transcrever, do Livro Oficial da prova, um excerto da nota de abertura escrita pela Organização, intitulada «DO HOMEM DO SAL À MULHER DA CAPUCHA»:

«/.../ Há cinco anos que alguém anda vivamente empenhado em tornar a Lapa mais perto das marinhas de sal aveirenses e trazer a mulher da capucha até terras onde corre, não apenas o salitre, mas, porventura, leite e mel, e levar o marnoto, o homem de peles tisnadas pelo salitre, até às saudáveis terras serranas.

Via Rápida Aveiro-Vilar Formoso — Europa passou do sonho à realidade. Missão cumprida. Os prémios, em ciclismo, de «O Comércio do Porto» teriam sido uma chicotada de aceleramento deste grande empreendimento nacional, europeu.

Mas não basta estar mais perto da Espanha, é necessário que o Vouguinha-Criança se aproxime mais do Vouga--Homem, para que ambos se completem, se complementarizem.

Este ano, é intenção dos organizadores do Grande Prémio Beira-Vouga *alertar os responsáveis, sensibilizar as populações para a grande realidade, para a grande riqueza económica-turística, que permanece esquecida no Baixo, Médio e Alto Vouga, mais concretamente, colaborar com quem está à frente do recém criado Gabinete do Vouga.*

Há todo um mundo a descobrir Vouga-Arriba, que os ciclistas hão-de proporcionar, hão-de desventrar nesta grande maratona de seis dias, por estradas da Beira--Litoral, da Beira-Alta e até do Distrito do Porto.

A caravana está na estrada já há meses; vamos agora rolar por essas terras, porventura nunca antes andadas /.../».

★

A Organização conta, este ano, com os seguintes patrocinadores, nas cinco camisolas a envergar aos ciclistas:

Camisola Amarela (Classificação Geral) — Cervejas Sagres. *Camisola Azul* (Prémio da Montanha) — Caves Borlido. *Camisola Verde* (Classificação por Pontos) — Vinho Verde de Vale de Cambra. *Camisola Branca* (Combinado) — Sal Maricéu. *Camisola Rosa* (Metas Volantes) — Proleite.

Outros patrocinadores: *Metas Finais* — Extrusal. *Metas Volantes* — «O Comércio do Porto». *Metas dos Últimos 5 Kms.* — «Agrovouga/ /85. *Pontos Quentes* — Artística de Avanca e «C.P.». *Palanque-Pódio* —

Continua na penúltima página

I TROFÉU CIDADE de AVEIRO

Na manhã do próximo domingo, 5 de Maio, e em organização do Clube dos Galitos, vai disputar-se o *I Torneio Cidade de Aveiro* — nas modalidades de Vela e Windsurf.

A competição terá início às 11 horas, desenrolando-se nas águas do Canal da Gafanha, diante da Lota, estando a concitar bastante interesse entre os desportistas que praticam estas belas e espectaculares actividades náuticas.

XADREZ DE NOTÍCIAS

No sábado e domingo, na Pista da Oliveirinha, teve lugar a eliminatória distrital do *III Prémio de Atletismo DN/ /Jovem* que apurou os representantes de Aveiro para a final nacional da competição, organizada pelo «Diário de Notícias» e marcada para 11 e 12 de Maio, no Estádio Nacional, em Lisboa.

Esperamos poder registar, no próximo número, os resultados deste importante torneio, em que foram estabelecidos doze novos «records» regionais aveirenses.

Após um longo jejum de vinte anos, a turma de voleibol do Sporting de Espinho assegurou, no domingo (três jornadas antes do termo da prova), a conquista do título de campeão nacional, na categoria de seniores, sucedendo a outra colectividade do nosso Distrito — o Esmoriz Ginásio Clube, que era detentor do ceptro deste 1983.

Esta é a sexta vez que os «tigres» conquistam o Campeonato Nacional da I Divisão.

O Beira-Mar, vencedor da Zona Sul da segunda fase do Campeonato Distrital de Juniores da Associação de Futebol de Aveiro, em confronto com as turmas da Mealhada e do Oliveira do Bairro, qualificou-se para o jogo final da prova, em que se apurará o campeão (que, na próxima época, ascenderá à I Divisão Nacional).

A partida estava, em princípio, marcada para a tarde de amanhã, em S. João da Madeira — defrontando os beiramarenses o vencedor

Continua na página 7